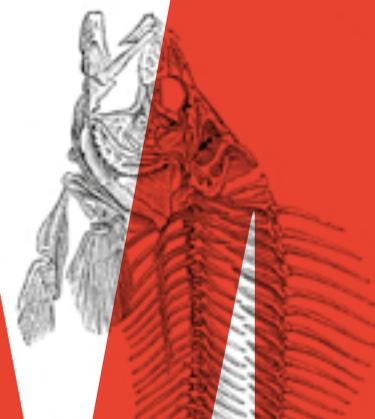
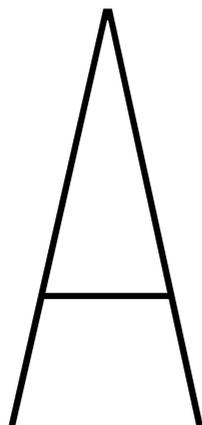


SOCIEDADE



NEM PRESENTE, NEM FUTURO





A geração “nem-nem” — como foi batizado o contingente de jovens de 15 a 29 anos que nem estudam nem trabalham — é tema recorrente no noticiário e preocupação de demógrafos, sociólogos e educadores, que enxergam o enorme prejuízo social da inatividade formal desses jovens. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tinha cerca de 10,9 milhões de nem-nem em 2022, último dado disponível. A situação é considerada crônica no País, que vê esse número piorar com o tempo. Do total dos que estão fora da escola e do mercado de trabalho, 36,45% tinham entre 25 e 29 anos.

Agora, um estudo realizado pelo economista Paulo Tafner, presidente do Instituto Mobilidade e Desenvolvimento Social (IMDS), mostra o ônus para o crescimento econômico que a falta de oportunidade para esses jovens traz ao País: uma perda de até 10 pontos percentuais (p.p.) no potencial de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) ao longo de 30 anos. Tafner projetou a expansão da renda da população brasileira na faixa etária dos 25 aos 29 anos caso esses jovens alcançassem níveis melhores de escolaridade. Embora a faixa etária dos nem-nem do IBGE seja mais ampla, o estudo priorizou o grupo restrito por ser majoritariamente responsável financeiramente pelo domicílio em que vive. O restante dos nem-nem ou ainda é dependente (15 a 17 anos) ou está em processo de emancipação (18 a 24 anos).

A projeção do economista leva em conta o tamanho da riqueza que essa faixa etária deixa de produzir por toda a vida, principalmente considerando que a baixa escolaridade e a não inserção no mercado de trabalho, desde o início da idade economicamente ativa, comprometem a renda por toda a vida. O cálculo leva em conta a projeção de renda gerada por essa população e a correlação com o Produto Interno Bruto (PIB). No estudo, Tafner avalia as mudanças demográficas globais para considerar o intervalo de 30

anos, já que a população estudada deve viver o auge das capacidades de trabalho e contribuição para a economia nas próximas três décadas.

Outro dado, que leva em conta a população de 18 a 24 anos e mede o efeito imediato da inatividade formal desses jovens, vem da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Segundo a entidade, nesse grupo, aqueles que não estudam nem trabalham poderiam ter contribuído com R\$ 46,3 bilhões ao PIB do Brasil em 2022. Se essa parcela participasse do mercado de trabalho, o PIB poderia ter sido de R\$ 10,146 trilhões, e não os R\$ 10,1 trilhões registrados, um aumento de 0,46 p.p. Ainda segundo os cálculos da CNC, a cada R\$ 1 de aumento na renda média, há impacto médio de R\$ 1,6 milhão ao PIB como um todo. Nos Estados do Sudeste, o efeito é maior, com R\$ 5,5 milhões, enquanto no Norte, de R\$ 400 mil.

Embora o fenômeno seja global, o Brasil faz feio diante do mundo quando o assunto é falta de oportunidades para os jovens. O último relatório Education at a Glance, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), mostra que o País é o segundo com a maior proporção de jovens, com idade entre 18 e 24 anos, que não estudam nem trabalham, ficando atrás apenas da África do Sul. Na faixa etária considerada, 36% dos jovens brasileiros são nem-nem, taxa que era de 20% em 2012 e inseriria o País na lista dos sete piores no ranking da OCDE. Dez anos depois, o Brasil piorou na comparação com a média das nações que fazem parte da organização, que avalia a educação em 34 países-membros da OCDE, além de Brasil, África do Sul e Argentina.

“Quem não estuda nem trabalha está deixando de fazer o que se espera que um jovem faça. E na realidade brasileira, talvez se espere que ele faça as duas coisas. É quase um indicador de pobreza, só que olhando para o futuro”, avalia Marcelo Neri, diretor do FGV Social, centro vinculado à Fundação Getulio Vargas (FGV) para o estudo de políticas sociais. Neri reforça, no entanto, que dados gerais necessitam uma lente de aumento para serem interpretados, uma vez que o fator classe é determinante nas estatísticas. Afinal, 61,2% dos 10,9 milhões de nem-nem calculados pelo IBGE são pobres. Considerando os lares 10% mais pobres do Brasil, metade dos moradores de 15 a 29 anos estava sem estudo ou emprego. Esse percentual cai para 7,1% entre as moradias mais ricas.

10,9

MILHÕES
de nem-nem,
segundo o IBGE

61,2% dos nem-nem
são pobres

8,8

MILHÕES
de brasileiros de 18 a 30 anos
não concluíram a escola



36%

dos jovens de 18 a 24 anos
são nem-nem,
diz a OCDE

2º

LUGAR
no ranking internacional,
atrás apenas da África do Sul



10

PONTOS PORCENTUAIS
é a perda do PIB ao longo de 30 anos,
diz o IMDS

46,3

BILHÕES DE REAIS
foi a perda no PIB do Brasil em 2022,
segundo a CNC

Segundo a socióloga Camila Ikuta, mestre e doutoranda em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e técnica do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), discutir a questão começa pela sua nomenclatura. “O termo ‘nem-nem’ é inapropriado e insuficiente para analisar a situação. É mais adequado se referir a esses jovens como ‘sem-sem’, sem trabalhar e sem estudar”, afirma. A especialista avalia que, na verdade, a maior parte desses jovens não está nessa condição por desejo pessoal, mas porque procuram trabalho e não encontram oportunidades, ou não conseguem trabalhar e/ou estudar porque precisam desempenhar outras atividades, como o cuidado de pessoas e as tarefas domésticas. “Além dos impactos sociais e econômicos que se traduzem na perda de anos de estudo, para uma grande camada de jovens há impactos também à composição da renda familiar, uma vez que, no Brasil, os jovens iniciam a vida laboral muito cedo, e geralmente o fazem para ajudar no sustento das famílias”, explica. Outro impacto, de acordo com a socióloga, se dá sobre a trajetória profissional, já que o início precário e instável influencia o tipo de ocupação que será desempenhada durante toda a vida adulta.

Camila reforça, ainda, o peso da desigualdade nas estatísticas. Uma pesquisa realizada pelo Dieese confirma que o perfil dos sem-sem varia conforme a renda familiar: do total de jovens de famílias mais humildes, 24% estavam nessa situação. Dentre os de famílias mais ricas, eram apenas 6%. “Quando comparamos jovens de famílias ricas e pobres, há uma grande diferença nos motivos para não estudar ou trabalhar”, explica. No caso das famílias mais ricas, os jovens conseguem se preparar com tranquilidade para ingressar na educação superior, por exemplo, realizando cursos pré-vestibulares, sem a necessidade de trabalhar. Já os jovens de famílias humildes têm mais dificuldades nessa etapa, pois buscam ocupação desde cedo e conjuntamente com os estudos.

EVASÃO ESCOLAR EM FOCO

Há cem anos, no texto de 1924, a Constituição brasileira garantia a educação primária como um direito dos cidadãos e um dever do Estado. Já a Carta de 1988 ampliou o alcance, determinando que o Estado deve prover educação em todos os níveis de formação. No entanto, o Censo Escolar de 2023 mostra que 8,8 milhões de brasileiros de 18 a 30 anos não concluíram a escola. Considerando todas as faixas etárias, são 68,1 milhões sem a escolarização básica. O ensino médio é o campeão da evasão escolar, em que 7% dos alunos do primeiro ano desistiram dos estudos e 4,1% foram reprovados.

A maioria, no entanto, tem vontade de voltar às salas de aula, segundo a pesquisa Juventudes Fora da Escola, realizada pela Fundação Roberto Marinho em parceria com o Itaú Educação e Trabalho e o Datafolha. Os resultados mostram que 73% dos jovens que deixaram os estudos têm intenção de concluir a educação básica. Contudo, a prevalência desse desejo fica menor conforme o tempo passa: entre quem tem de 15 a 19

anos, a intenção de voltar é de 79%, caindo para 68% entre aqueles com 25 a 29 anos — justamente a faixa etária abordada no estudo de Tafner.

A necessidade de trabalhar foi a razão mais citada (41,7%) para o abandono da escola, justificativa mencionada por 53,4% dos homens e 25,5% das mulheres que deixaram de estudar. A falta de interesse nos estudos é o segundo principal motivo citado pelos homens (25,5%). A taxa entre as mulheres é de 20,7%. No caso delas, é a gravidez que aparece como segundo principal motivo (23,1%). Na sequência, com 9,5%, elas citaram que “tinham de realizar afazeres domésticos ou cuidar de pessoas”. Só 0,8% dos homens citou essa razão.

QUESTÃO DE GÊNERO

O desemprego no Brasil atinge 5,2 milhões de jovens entre 14 e 24 anos, a maioria mulheres, pretos e pardos. Os números são da Subsecretaria de Estatísticas e Estudos do Trabalho, do Ministério do Trabalho, que cruzou dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), da Relação Anual de Informações Sociais (Rais) e do IBGE. Dentre os desocupados, 52% são mulheres e 66%, pretos e pardos. Nesse levantamento, os nem-nem somam 7,1 milhões e, do total, 60% são mulheres, a maioria com filhos pequenos, enquanto 68% são pretos e pardos.

“A maioria nessa situação é formada por jovens mulheres e negras que estão, na verdade, exercendo trabalhos muito importantes e não reconhecidos como deveriam na sociedade: os de cuidado com pessoas e de tarefas domésticas”, reforça Camila, do Dieese. Então, para essa população, ainda há o impacto adicional dessas barreiras, pelo não compartilhamento de responsabilidades, pelo machismo e pela discriminação, impedindo-as de seguir estudando e crescer profissionalmente. “Essas jovens, na verdade, precisaram sair do mercado de trabalho e desistir da busca por uma ocupação (ou de estudar) para exercer o cuidado de pessoas, seja com os filhos, seja com outros membros da família, como idosos e enfermos, além de afazeres domésticos. Todos papéis impostos historicamente às mulheres na sociedade”, reforça.

Vale lembrar que um quinto das meninas brasileiras que engravidam na adolescência afirma não saber como evitar filhos — e a mesma fração volta a engravidar antes de atingir a maioridade, segundo uma pesquisa do Ministério da Saúde, que entrevistou 1.177 mulheres, das

“ESTAMOS FALANDO DE JOVENS QUE, NA VERDADE, ESTÃO ‘SEM-SEM’, OU SEJA, SEM OPORTUNIDADES. EM PRIMEIRO LUGAR, PRECISAM SER MAIS OUVIDOS QUANTO ÀS SUAS DEMANDAS.”

CAMILA KIKUTA, técnica do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese)

cinco regiões do País, usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS).

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

O Brasil passa por uma mudança radical na pirâmide etária, que o coloca em uma situação paradoxal: uma estrutura populacional de nação rica, mas com renda per capita média. Isso significa que o País tem, hoje, uma grande parcela de pessoas em idade de trabalhar, que supera a soma de crianças e idosos — o chamado bônus demográfico. No entanto, o Brasil não consegue tirar proveito desse momento em razão de problemas como baixas escolaridade, qualidade educacional, participação da força de trabalho e remuneração dos empregos. Esses fatores limitam a mobilidade social e a inclusão produtiva dos jovens brasileiros, protagonistas do bônus demográfico.

Hoje em vantagem, daqui a 16 anos (em 2040), o Brasil estará mais envelhecido que a média mundial e próximo dos países ricos, mas sem a renda dessas nações. A idade média do brasileiro será de 40,6 anos. Segundo o estudo Principais Desafios para a Juventude no Brasil e Impactos sobre a Renda e Produtividade, do

IMDS com base em dados da Organização das Nações Unidas (ONU), a média mundial deverá ser de 36,6 anos, e de 45 anos nos países ricos, também em 2040. De 2012 a 2055, a população de 25 a 54 anos — faixa etária que concentra o auge de capacidade de trabalho e contribuição para a economia — permanecerá acima de 85 milhões (57% da idade ativa). Isto é, o Brasil passará pelo pico populacional desse grupo na próxima década, mas haverá declínio logo na sequência.

“Estamos em um situação na qual vai faltar jovem. Isso é péssimo para o País, mas não necessariamente ruim para o jovem”, pondera Neri, do FGV Social. “Só que o Brasil tem dois tipos de jovens: os que têm acesso à educação e conseguem entrar no mercado de trabalho, e os excluídos. E uma parcela significativa dessas pessoas não vai aproveitar o fim do bônus demográfico”, afirma o especialista. “O Brasil desperdiçou — e está desperdiçando —, no passado e no gerúndio, o bônus demográfico”, reforça. “O jovem é muito visto como problema, mas, na verdade, deveria ser a solução”, conclui.

&